

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 10 Números . 5\$00—Número avulso \$60
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

A Batalha na Sombra

A ingénita fraqueza das democracias torna possível o desenvolvimento à luz do dia das mais vastas e audaciosas operações de guerra do Comunismo. Pois não vimos nós a criação das Frentes Populares e o seu nefasto exercício na Espanha e na França durante alguns anos?

Mas nos países como o nosso onde o Comunismo não tem organização legal a sua acção desenvolve-se de modo bem diferente. É uma batalha que se trava na sombra, mas insistente e metódica, hora a hora, minuto a minuto. Na oficina, no escritório, no «Café», em toda a parte onde se reuna um grupo de seres humanos eles estão presentes a minar por meios indirectos os princípios da ordem e da autoridade. «É preciso ser comunista, sem parecê-lo» — dizem eles. Às claras ou às ocultas, o comunismo é sempre perigoso, perigoso porque ataca a moral social, perigoso porque acirra ódios e desenfria paixões criminosas, perigoso porque mina a unidade nacional. Mas é duplamente mais perigoso quando se dissimula, quando se oculta na capa do desinteresse político e assume o papel de juiz imparcial.

Há creaturas suficientemente ingénuas que supõem que por não existir imprensa nem centros comunistas, todo o perigo soviético foi eliminado. Se esta ilusão fôsse geral estavamos servidos!

Eles, os comunistas, não desistem nem repousam. E menos desistem neste momento em que as dificuldades crescentes que a guerra acumula tornam o ambiente pesado e irritante de descontentamentos. Eles estão em toda a parte desenvolvendo sempre a mesma actividade maléfica da insinuação venenosa. Eles frequentam as «bichas», eles vão aos mercados insinuando-se por entre os compradores e não lhes é difícil nesta hora angustiada convencerem até as boas donas de casa de que os géneros faltam e estão mais caros porque são levados para a Espanha, por exemplo. Tudo isto faz—dizem eles—com o consentimento do Governo para que os burgueses ganhem muito dinheiro.

E com estas e outras atoardas caluniosas agravam o descontentamento geral. É neste ambiente de águas turvas que eles se sentem bem. Não falam claramente de comunismo nem tal lhes é necessário. Basta-lhes acirrar o ódio contra o burguês paçudo, basta-lhes tirar dos espíritos simples e crédulos toda a confiança nos governos legais para conseguirem o que desejam nesta hora. O resto —pensam—virá naturalmente por si. É o fruto que cai de maduro. Todos estes cálculos estariam certos se não fôsse a contínua e inteligente vigilância do Governo. Mas esta para ser mais profícua exige a cooperação dos homens sãos e amigos da ordem social.

Estejamos sempre alerta contra esses embusteiros que batalham na sombra.

J. C.

Teatro ANTONIO PINHEIRO

Espectáculos da semana:

Apresenta hoje a produção portuguesa de Leitão de Barros: *Ala Arriba*.

É um filme que em imagens inéditas nos revela a vida dos poveiros e são eles, os autênticos pescadores, que magistralmente o interpretam mostrando-nos a luta titânica a que, por vezes, são obrigados ante a bravura do mar.

A lei imposta pelos «Homens de Respeito»; As rédes do novêdo e as diversas categorias de pescadores são tradições apresentadas com a maior realidade.

De artistas apenas intervem o grande actor Luiz Pinto na figura do Prior. O argumento é do dr. Alfredo Cortez e a musica de Ruy Coelho.

Segunda-feira—Reprise deste grande filme—*Ala Arriba*.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmácia ABOIM.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Quinta-feira—Temos no filme de fundo—*Titans da Marinha*—um espectáculo completo: espionagem, acção, musica e farsa. Cinco lindas canções valorizam o filme.

Titans da Marinha reúne na interpretação Victor Mac Laglen e Edmundo Lowe, um apreciável par que proporciona ao publico um bom espectáculo.

Em complemento o maravilhoso filme da insigne arista Katherine Hepburn—*Revoltada*.

No Circulo Cultural do Algarve

«Albrecht Dürer, sua vida e obra»

Mais uma excelente lição— a 4.ª—se realizou no Circulo Cultural do Algarve. Desta vez foi um tema de arte e tratou-o magistralmente o Dr. Otto Diehl, professor do Instituto de Cultura Alemã, que a Faro se deslocou expressamente.

Ao abrir a sessão, o professor J. Magalhães fez algumas considerações sobre a cultura alemã e apresentou a personalidade do conferente que, apesar de novo, já se revela cheio de qualidades. Referiu se também ao interesse que tem para nós o estudo da obra de um pintor alemão que muito conviveu com portugueses, na Flandres, a ponto de os ter apresentado com 221 das suas obras, e de acêrca dêles ter deixado registadas no seu diário as seguintes expressivas palavras: «nem todos os meus amigos são tão generosos como os senhores de Portugal».

O Dr. Otto Diehl, começou então a leitura do seu trabalho, em português.

Estudou a interdependência das mútuas influências do artista e da comunidade a que pertence. Se o primeiro, pela valorização e afirmação da sua personalidade ajuda a formar e contribue para vincar o carácter do ambiente, não é menos importante a influência modeladora da região natal na formação da pessoa espiritual do artista.

Nuremberga, pátria de Dürer, era no começo dêsse terço final do século XV em que o artista nasceu, um centro artístico notável. Na aprendizagem do ofício de ourives, primeiro, e, depois, quando se revelou a vocação de pintor, que desenvolveu na oficina de mestre Miguel Wolgemut a cidade de Nuremberga, de que magníficas projecções luminosas ilustraram a conferência, não podia deixar de ter uma influência grande, pela elegância dos seus conjuntos arquitectónicos, das suas igrejas e pelas suas belezas naturais.

Artistas pintores, escultores e fundidores, como Peter Fischer, autor do túmulo de S. Sibaldi, criavam um ambiente propício, ao jovem Dürer. Depois sai da cidade; vai para Colmar, onde trabalha alguns meses e passa ainda por Basileia e Estrasburgo.

Trabalhando sempre, de regresso à cidade natal, onde casou, vai-se continuamente aperfeiçoando e desenvolvendo os notáveis dons naturais, na observação da realidade e na composição das obras primas que o haviam de immortalizar.

Segue-se a 1.ª viagem a Itália no fim do século XV e depois a 2.ª no começo do seguinte, de que regressa com maior consciência dos valores alemães e dos valores artísticos estrangeiros. Finalmente uma viagem à Holanda em 1519-1520 libertou-o definitivamente de influências e a expressão original e forte atinge o auge que dura até à morte, em 1528.

Depois da vida, o Dr. Otto Diehl, explicou a obra do pintor. E, acompanhando sempre a sua exposição, com a ilustração de projecções, o orador fez viver a todos os assistentes belos momentos de emoção na contemplação indirecta mas sugestiva das

O ALGARVE VISTO POR ALGUNS ALGARVIOS

Entrevista com o Dr. Guerreiro Murta

Cabe agora a vez ao Dr. Guerreiro Murta, de expôr suas ideias e opiniões sobre poesia e poetas da sua terra.

Procurá-mo-lo no Monte-Pio Geral, organização que, será interessante frisar, foi fundada por Alvares Botelho, de Tavira, indo encontrá-lo no seu gabinete de Director, trabalhando laboriosamente.

Acolhimento mais do que amável, convite imediato a que lhe fizéssemos as perguntas necessárias e desde logo nos comunicou estar ao inteiro dispôr do «Povo Algarvio».

—Da poesia no Algarve, que ha a dizer?

—O Algarve, é terra de poetas. Já na antiguidade, os povos que lá se fixaram, se governavam por leis em verso.

—E dedica-se o algarvio a poesia com bastante frequência?

—Sim, não sendo até de estranhar, pois influenciado pelo ambiente de misticismo que paira sobre as remotas cidades algarvias; o azul do céu; o mar de reflexos prateados; a bela costa de rochas recortadas e os campos de tonalidades variadíssimas, todo o algarvio é, no fundo, um poeta!

—Alguns nomes dêsses que aos caprichos das Musas se têm entregue?

—Há muitos! Simplesmente o que vejo no algarvio é uma condenável falta de persistência e continuidade no canto. A sua imaginação poética ensaia os primeiros vôos, atinge altura promettedora, mas depois esconde-se na obscuridade e na apatia. No entanto, muitos nomes ha a mencionar: João de Deus, o grande lírico de alma contemplativa, in-

gênuo e profundo, sublime em toda a sua obra; João Lúcio, o poeta eloquente de alada inspiração e palpitante de delicadíssima sensibilidade.

—E Candido Guerreiro?

—Quem não conhecerá Candido Guerreiro, a quem ainda o ano passado, o Algarve tão justamente consagrou?! Quem poderá desconhecer a sua obra de poeta das falas misteriosas do mar, das lendas e da epopeia?! É cultor, por excelência, do soneto de forma escultural, como bem nos demonstra o seu formoso «Auto das Rosas de Santa Maria». E Julio Dantas; Bernardo Passos, que sofre e chora a dôr do povo; Coelho de Carvalho; José Dias Sancho; Mário Ramos; Lyster Franco; Emília no da Costa, illustre tavirense; Antonio Santos, tambem de Tavira e mestre inconfundível da gazetilha; Armando de Miranda e Mateus Moreno que conserva, ainda inéditas, belas poesias.

—Falou ha pouco em Lyster Franco. Que nos diz da sua «Bibliografia Algarvia»?

—Tencionava justamente falar-vos dêsse assunto. Permitam-me que faça um apêlo à imprensa do Algarve, no sentido de criar um movimento que leve ao prelo essa sua tão bela e útil obra, que jaz ingloriamente num armário da sua biblioteca.

Seria de grande interesse e honra tanto para a terra algarvia como para Portugal. Trata-se dum trabalho de grande magnitude, revelador de centenas de valores intelectuais e morais; de obras que se perderam no esquecimento e sobretudo não tendo outro no país que o possa igualar.

—Registaremos o seu desejo,

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

obras mestras do grande Albrecht Dürer. Primeiramente as obras de reprodução da natureza vegetal: a aquilégia, o lírio, as rosas de maio, o pequeno pedaço de relva. Viram então os assistentes o raminho de violetas pintadas com tanta ternura e cheias de naturalidade. Depois explicou o conferente as obras de reprodução da natureza animal; o avestruz, a cegonha, o caranguejo—pesado e estranho—as doninhas e uma cabeça de côrça de estranha expressão de olhar; e ainda a vaca loira e a lebre que apetece acariciar.

O Dr. Diehl falou a seguir da importância da entrada da natureza como motivo de arte pictorial. Na idade média, o artista pintor não representa a vida vegetal, os fundos dos quadros, mesmo quando em plena natureza, são em dourado. Só em 1435, aparece a primeira reprodução da natureza em pintura. Mas é Dürer quem vai dar o grande impulso nesse sentido. Comprovou-o o orador com a apresentação e explicação dos quadros: «A sagra da familia num campo de relva», a «madona na muralha», a «madona com a macaca» e com vários animais, «fuga para o Egipto», «os cavaleiros de Apocalipse», «o cavaleiro, a morte e o diabo». Demorou-se na valorização do

quadro «S. Jerónimo na cela», cheio de luz maravilhosa e passou a mostrar a mestria de Dürer na expressão da alma humana, pelas expressões de rostos: o retrato da mãe do artista, o S. Jerónimo do museu de Lisboa,—para o qual serviu de modelo um velho encontrado em Antuérpia,—o retrato de Melancheton, o de Erasmo, amigo de Damião de Góis, o do Cardeal Albrecht von Brandeburgo e finalmente os 4 apóstolos: S. João, S. Pedro, S. Marcos, S. Paulo.

Estudou finalmente os auto-retratos de Dürer: aos 13 anos, aos 19, o do Louvre, o do Prado. Concluiu pela explicação da maravilhosa cabeça de Cristo, coroadada de espinhos, em que o pintor, tomando-se por modelo idealizado, soube dar na expressão do olhar dorido, toda a dor e todos os problemas mais profundos da alma humana.

A preciosa lição, atentamente escutada foi longamente aplaudida pela numerosa assistência que enchia a sala.

A série de conferências dêste circulo continua com a que o escritor, dramaturgo e colonialista Sr. Carlos Selvagem, deve vir a realizar sobre «Brasil e A'frica Portuguesa, expoentes da nacionalidade», em data a marcar oportunamente.

Subsídios para uma Bibliografia do Algarve

«Arquivo Nacional»—N.º 347, insere «Notas rápidas sobre a Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira».

N.ºs 348 e 349 inserem «A Fortaleza de S. João da Conceição de Tavira».

Baena, Visconde Sanches de—«Famílias Nobres do Algarve», parte 2.ª, ed. Tipografia do Anuario Commercial, 1906.

N. B.—Supomos que não foi publicada a parte 1.ª, nem qualquer outra.

Brites, Geraldino—«Febres infecciosas»—notas sobre o concelho de Loulé—publicado no tomo VII, parte II, fasc. 2.º das «Histórias e Memórias da Academia das Ciências de Lisboa», nova série, 1.ª classe, ciências, matemáticas, físicas e naturais, ed. 1914.

«Clima do Algarve, o inverno», ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1916.

Gabreira, Tomás—«O Algarve económico».

Gabrinha, António de Jesus—«Resposta de... (como Director do Asilo Esperança Freire, de Tavira) ás acusações que contra ele pronunciou João Rodrigues Aragão (como Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Faro) nas sessões de 16 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 1924, comp. e imp. na Artes Graficas. Lda., Faro.

Gabrita, Carlos Pedro—«As bases históricas do regionalismo algarvio», ed. Atlantida, Coimbra, 1928.

Gabrita Junior, Padre José—«O Bispo Santo D. Francisco Gomes de Avelar» ed. 1940.

(Continua)

N. B.—Esta secção é apenas a resenha dos livros escritos sobre o Algarve, que um algarvio possui. Depois, serão dados, também, algumas indicações de livros escritos por algarvios, nas mesmas condições. Não é mais nada do que isto ou seja, se assim quisermos, o estrato do catálogo da pequena biblioteca de um algarvio.

NÃO HÁ PROFISSÕES FECHADAS

A aplicação dos princípios corporativos ás profissões e ao trabalho não pode ser o regresso ao círculo fechado das corporações, fenómeno de insularidade profissional em que por vezes havia redundado o corporativismo de outrora. No regime actual começava a esboçar-se já o mesmo fenómeno. Em alguns contratos colectivos havia cláusulas, que estabeleciam restrições na admissão de profissionais, contrárias à letra e espírito da legislação do trabalho. No contrato assinado entre o Grémio dos Industriais Gráficos e os Sindicatos Nacionais dos Tipógrafos e Litógrafos, por exemplo, estipulava-se que teriam preferência na admissão, como aprendizes, os filhos, netos e sobrinhos em primeiro grau de industriais e operários gráficos. Disposições idênticas se estabeleceram em mais alguns contratos colectivos.

Claro está que estas determinações fariam dentro de pouco tempo, de certas profissões, círculos fechados e reservados a uma espécie de castas. Em tempos normais não seria recomendável: nas circunstâncias actuais, com a crise de trabalho, seria iníquo e anti-social. Por esse motivo e porque o Estatuto do Trabalho Nacional garante a liberdade e escolha de profissão (art.º 4.º), e reconhece às empresas a liberdade de escolha, dos seus empregados ou assalariados (art.º 46.º), o sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações acaba de anular, por oportuno despacho, todas essas restrições à admissão de trabalhadores.

Anunciar no «Povo Algarvio»

O APOSTOLO DA PREGUIÇA

por Manuel Vilhena

Os fins de século XIX e princípios do XX foram caracterizados em Portugal pela crítica feroz.

Se um escritor se afirmasse pelas mais brilhantes qualidades de estilo, mas se, por entre páginas maravilhosas do descritivo de paisagens, de tipos, de humanas emoções, afirmasse ou apenas deixasse entrever sentimentos religiosos ou políticos, logo a turba de ideias contrárias o classificava inexoravelmente de cretino.

Ramalho, que teve o dom de transladar para as páginas dos seus livros o másculo da sua figura desempenhada, a solidez da sola e vira das cómodas botifarras, a higiene que ressaltava das camisas a cheirarem a lavado, o pitoresco dos cheviotes, das patilhas, do chapeirão de campónio e até da bigodeira faianhada de porta-machado, dando-nos assim a prosa viril, agradável e pitoresca—a prosa ramalhal que nos fazia ver o Sol claro das romarias, ouvir o estralar dos foguetes e até sentir os solavancos das diligências e o aroma das giestas que marginavam as estradas de Portugal, logo que, sincero e justo, escreveu o «D. Carlos, o Martirizado», foi assim apreciado por um membro da Academia das Ciências, glorificador do facinoroso Ferrer:

«Ramalho foi sempre um sorna de períodos geométricos, angulosos, prenes de estatísticas fóra de propósito e sem um vocabulário capaz de faiscar imagens rutilas e inesquecíveis».

Nenhum artista escapou a esta crítica intolerante que tanto se manifestava na adjectivação torpe para os escritores, a pateada achincalhante para os actores, os assobios, as apóstrofes furiosas para os toureiros.

Houve no entanto um artista que, impermeável a esta lei implacável, foi por todos louvado, todos lhe renderam a mais geral e inconfundível homenagem. Todos desejaram imitar-lhe a prosa e as figuras que êle deixou esculpidas em mármore com estremecimentos humanos, tão cheias de colorido, de traços habilmente delineados, como vazias de virtudes ou qualidades superiores que pudessem ser tomadas como exemplos a seguir. E, como era difícil imitar-lhe a prosa brilhante, o poder de observação, o sopro de vida que comunicava aos seres que modulava, a turba servil limitou-se a usar o monóculo e a escolher para seu modelo, conforme as inclinações e as poses, uma das muitas e variadas personagens dos seus romances—algumas entre si tão parecidas, outras dissemelhantes (como podia ser a S. Joaneira de Carlos da Maia ou o cônego Dias de João da Ega) mas todas iguais, estruturalmente iguais, no horror ao trabalho.

Era a época em que as mães que se considerava bem-aventuradas afirmavam felicíssimas, ao anteverem a Felicidade para os seus directos descendentes: «graças a Deus» os meus filhos não precisam trabalhar».

Aqui está a explicação da aceitação que tiveram os três romances «Crime do Padre Amaro», «Primo Basílio» e «Os Maias», os três volumosos códices lusitanos da preguiça (completados pelo «Manual do Perfeito Ocioso», também conhecido pela «Correspondência de Fradique Mendes») onde os homens usufruem a suprema felicidade que o autor fazia consistir em amores irregulares, ditos espirituosos, um fato de bom cheviote talhado por um bom alfaiate e não trabalhar.

Ai daquele que tivesse a infelicidade de necessitar ganhar a vida, porque logo outra infelicidade cairia sobre êle. Jorge, o engenheiro, foi para o Alentejo dirigir, obras, caiu no tremendo disparate de trabalhar:—em bre-

ve a mulher, a Luisinha, se vingou deste ascoroso defeito do marido, lançando-se nos braços do primo Basílio.

Aquele João Eduardo, namorado da Amélia, professor do morgado da Ricoça, cumpria honestamente os seus deveres, era trbalhador:—logo Amaro lhe roubou a noiva, a seduziu, e o pobre rapaz teve os sofrimentos que a sua cara devastada mostrou no enterro de Amélia—«olheiras cavadas em dois sulcos negros, grossas lágrimas a correrem-lhe nas faces».

E mais desgraças cominativas não sucederam porque mais loras trabalhadores não aparecem nas centenas de páginas dos Códices lusitanos da preguiça.

Pretenderia Eça de Queirós mostrar os defeitos de uma sociedade com o fim de os evitar?

Se era êste o seu intento conseguiu exactamente o contrário, embora logicamente de esperar, desde que se premiava a ociosidade, e o trabalho era castigado.

Nos bem sabemos que Eça, fóra dos livros citados, afirmou que «só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos» e que a ocupação de Jacinto enquanto viveu na ociosidade do 202, casa da Preguiça e do Têdio, era «correr com os dedos desalentados a face pendida, para nela palpar a apeteecer a caveira» e que só encontrou a saúde e a felicidade no trabalho alegre de Tormes, quando a sua pele se «atrigueirou pelas soalheiras e ventos da serra».

Este remorso e esta contrição já não evitaram o mal. O veneno estava lançado profusamente e com subtilidade.

Eça foi o Urbino de Freitas de duas gerações. Mas, enquanto o médico portuense envenenou quatro sobrinhos ministrando-lhes o alcaloide mortífero num envólucro de açúcar, Eça de Queirós envenenou a mocidade de duas gerações, incutindo-lhes a preguiça envolta no estilo aliciante da sua prosa, tornando-as devassas, cépticas, cínicas e inúteis—atributos naturais de quem possui a mãe de todos os vícios.

N. da R.—Este artigo é transcrito do «Diário Popular», o interessante vespertino de Lisboa. Examinando Eça em função da sua utilidade social, o autor demonstra uma coragem intelectual invulgar escrevendo as verdades que esmaltam o seu artigo e assinando-o. Não desconhece e muito menos nega, o valor artístico do autor do «Fradique Mendes», do «fradiquismo» que tantas vítimas tem causado, tornando inúteis de todo alguns bons rapazes, que se esquecem de que o seu patrono também se chama Mendes. O autor deste artigo coloca o romancista Eça de Queirós no lugar devido de a mais brilhante mas a mais significativa vítima da defunta mentalidade do século desanove.

Produzir e poupar é contri-
buir para a defesa da Nação

O arroz é imprescindível
na alimentação dos portugueses.

Impõe-se o dever de cultivar
arroz, a quem estiver autorizado, para se garantir o fornecimento deste produto à população do País.

Os combustíveis líquidos
para elevação das águas de rega estão assegurados.

Está na mão da lavoura
assegurar as subsistências do País.

O «PovoAlgarvio» vende-se em Loulé, no Café Carioca.

PELA CIDADE

Procissão de Cinzas—Com a acostumada pompa realizou-se no passado domingo a tradicional procissão de Cinzas, que saiu pelas 18 horas da igreja da venerável Ordem Terceira de S. Francisco, tendo sido acompanhada em todo o seu percurso pela excelente Banda da Academia Musical Tavirense, que executou lindas marchas graves.

A procissão que percorreu as ruas da cidade com grande imponência e acompanhada de elevado número de pessoas foi uma verdadeira manifestação de fé.

Ao recolher da procissão houve sermão pelo reverendo prior Antonio do Nascimento Patricio, o qual fez uma brilhante alocução sobre o motivo da procissão.

Semana Santa—Segundo nos consta as festividades religiosas da Semana Santa no corrente ano vão decorrer com grande brilhantismo.

Dentro de breves dias certamente a Comissão de senhoras organizadoras da festa iniciará o seu peditório. E' de esperar que os católicos de Tavira saibam corresponder para bom nome da terra e manutenção das suas belas tradições religiosas, tanto mais que o ano agrícola e piscatório foi bom.

Festa a S. José—Realizou-se no dia 19, como é costume, a Festa a S. José, patrono da Igreja do Hospital do Espirito Santo, da Santa Casa da Misericórdia. Resou-se Missa cantada, sendo officiante o Rev. Priôr Antonio do Nascimento Patricio, que proferiu uma brilhante alocução sobre o que S. José é dentro da Igreja Catolica. A Comissão de Senhoras Protectoras do Hospital procedeu á distribuição do almoço e do jantar que oferecera aos doentes e empregados.

Espectaculo de Beneficência—No último espectáculo de beneficência, realizado no Teatro Antonio Pinheiro desta cidade, nas noites de 25 e 26 do passado mês de Fevereiro, com a apresentação da revista «Ferro ao Fundo», foi apurado um saldo de esc: 1.337,45.

Cais de Santa Luzia—Prosseguem com grande actividade os trabalhos da construção do cais acostado da visinha e laboriosa povoação de Santa Luzia.

Estrada de Santa Luzia—Sob o patrocínio da Junta de Freguesia de S. Tiago, está a ser reparada a estrada que liga Tavira a Santa Luzia.

Trata-se dum melhoramento importante dado o movimento diário que aquela estrada tem.

Transferência

A seu pedido foi transferido desta cidade para Montemor-o-Novo, o sr. Joaquim Rodrigues da Avó, Secretário de Finanças de 2.ª classe, que durante dois anos desempenhou com bastante competência e brio o cargo de Chefe da Secção de Finanças deste concelho.

Ao sr. Joaquim Rodrigues da Avó, que conseguiu grangear inúmeras simpatias nesta cidade, desejamos-lhe muitas felicidades no desempenho do seu novo cargo.

Banda da Academia Musical Tavirense

Se o tempo permitir, esta banda dá hoje o seu concerto, das 17 ás 19 horas, no jardim publico, com o seguinte programma:

I PARTE

VICENTE ROBERTO — P. D. — S. Moura.
FLOR CAMPESINA — Sinfonia — G. Reis.
CZARDAS N.º 1 — Mickiels.
TANHAUSER — Opera — R. Wagner.

II PARTE

RAPSODIA DO ALENTEJO — S. Moura.
LINO DE OLIVEIRA — Marcha — H. Rocha.

VIDA DESPORTIVA

Versos do consagrado poeta popular Aleixo

Por amavel gentileza do vencedor da «Papoila de Prata» nos Jogos Florais do Fim do Ano, o distinto poeta popular Antonio Aleixo, dignou-se colaborar hoje com um pouco da sua veia poetica na critica desportiva.

Ouçamo-lo, portanto, nos seus versos-critica ao jogo Louletano-Farense.

Foi numa tarde sem sol este triste desafio.
Houve chuva e houve frio só não houve futebol.

Vi um, desequilibrado, no chão ás apalpadelas, outro a atirar pr'ás caneladum parceiro descuidado

Desta vez não faltou nada; o tal «back», o Sebastião, conseguiu ser campeão do falhanço e da estalada

Até um «penalty» fálhou chutado pelo Zé da Horta; saiu-lhe a jogada torta, bateu na trave e... voltou

Afinal foi tudo azar. Mesmo o velho Bengalinha Não deu bolas ao Calcinha p'ra qu'as pudesse marcar

No Louletano o «miudo» fez pouco pelo que vi. Mas no Farense, o Marti, jogou bem, fez quasi tudo

Isto são tardes fatais entre clubs pequenos. Quasi sempre um brilha mais quando o outro joga menos

Da Direcção, o Bexiga, —corrige, emenda, castiga? Há discórdia, há confusão. Se nos seus planos não erra entre os clubs da terra Temos nova revolução

Mas como Roma e Pavia não foram feitas num dia não devem perder o brio. P'ra valer a esta desgraça vai-se disputar a taça do jornal «Povo Algarvio»

A. F. A.

Pela Província

Luz de Tavira

Estrada do Mar—Dentro em breve serão iniciados os trabalhos de reparação da Estrada do Mar, por conta da Junta desta freguesia.

Trata-se dum importante melhoramento pois esta estrada já há anos que estava absolutamente intransitavel.—C.

Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira

Com o fascículo 96 desta obra monumental, agora aparecido, completa-se o formidável 8.º volume, de mais de 1.000 páginas ilustradas, com dezenas de gravuras extra-texto, volume que os seus editores lançam imediatamente no mercado, bem como as capas de luxo e especiais para os assinantes e compradores que possuem já todos os 12 fascículos referentes ao mesmo volume.

Ornado de uma bellissima estampa a côres em separado e de dezenas de gravuras no texto, êste belo fasciculo insere colaboração dos Profs. Luiz de Pina, Barahona Fernandes, Ferreira de Mira, Carrington da Costa, Charles Lepierre, Beirão da Veiga e Cunha Gonçalves, os Doutores Carlos de Passos, Bernardino de Pinho, Hasse Ferreira, Manuel Valadares, Beça de Aragão, Dias Amado, António Sérgio, etc. etc., e artigos de tanta importância como Diástase, Diatermia, Diferencial, Dilteria, Difusão, Digestão, Digesto, etc. etc.

A Editorial Enciclopédia, Lda. continua fazendo a venda, por pagamentos suaves, destes 8 volumes agora completados, com entrega de todos eles, encadernados luxuosamente, com o pagamento da primeira prestação.

Investigando no PASSADO ALGARVIO

Tudo o que consegui saber do Convento de S. Francisco de Tavira: (segundo a «Cronica Seráfica da Sta. Provincia do Algarve»—1750) Biblioteca Nacional, reservados.

Foi o *Convento Franciscano de Tavira* sempre muito favorecido dos Monarcas portugueses que lhe concederam alguns privilégios! Vejamos assim o que el-rei D. João III num seu interessante alvará lhe concedeu: — «D. João por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves. A vós juiz e veriadores da minha cidade de Tavira faço saber que hey por bem que aos *Padres do Mosteiro de S. Francisco* dessa Cidade seja dada carne que lhe fór necessária da que houver nos açougues dessa Cidade, por seus dinheiros, segundo o estado da terra, tanto que o seu comprador o pedir; por quanto, pelo dito mosteiro ser fóra da *Cidade* hey por bem que se lhe dê logo sem alguma dilação. E porem vos mando, e a todos os outros officiaes, que assim o cumpram, sob pena de dês cruzados, em que os hei por condenados, por cada vez que assim o não cumprirem, para quem os acusar, etc. etc. Dado este alvará em Lisboa a 17 d'Agosto. Gaspar Mendes o fez, ano de 1520. Tem selo pendente, e confirmação da Raina Dona Catharina a 17 de Setembro de...»

Outro Alvará de el rei D. Sebastião com data de 13 de Dezembro de 1570: — «Pelo qual manda que se fechem todas as janelas e frestas que devassavam a horta, para que os religiosos não fossem vistos nos seus domesticos ministérios, pelas consequencias que se seguiam contra a modestia religiosa em que toda a cautela é pouca, e o resguardo das pessoas dedicadas a Deus deve ser sempre grande, pois só assim se fazem mais respeitadas, e atendidas. E assim diz que foi informado de que algumas casas que estão em redor da cerca, e horta do *Mosteiro*, têm frestas e janelas sobre a dita horta onde ha um tanque em que os frades lavão o sua roupa, e não podem escusar de não ver a dita horta, e pelas ditas janelas e frestas são vistos e descobertos e ainda por elas lhes deitam dentro esterco e outras çujidades na horta. Pelo que nós mandamos que logo mandeis cerrar as ditas janelas e frestas, etc. etc. Evora a 13 de Dezembro. Gaspar Saraiva o fez 1570».

Outra Provisão de el-rei D. João III pela qual — «manda dar ao frades do Convento de São Francisco de Tavira, dois moios de sal, cada ano, pagos nos rendimentos da Casa do Sal de Tavira; provisão passada pela chancelaria. Principiou a ter sua execução no ano seguinte 1528».

Filipe II numa sua Provisão passada em 9 de Novembro de 1604, manda dar aos Religiosos do mesmo Convento cinco mil reis cada ano nos rendimentos do concelho, por prégarem na cidade os *Adventos*.

(Continúa)

Lisboa Honorato Santos

Anunciar no
“Povo Algarvio”
 é ter a certeza de exito

Agradecimento

Joaquim Patarata e sua familia vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a ultima morada do seu saudoso pai, sogro e avô.

TAVIRENSES: se quizerdes manter o jornal da vossa terra, assinais-o.

Em defesa dos pinhais

Devido, muito provavelmente, a condições favoráveis de clima registadas no Outono de 1942 e Inverno de 1943, a «Processionária» (*Cnethocampa (Thaumetopoea) pityocampa Schiff.*), também conhecida por «Lagarta do pinheiro», tomou, em muitos pinhais, desenvolvimento excepcional.

No momento presente o actual ataque desta praga tem particular importância porque o consequente enfraquecimento dos pinheiros os predispõe para o ataque do «Bóstricos», praga que tem de ser combatida com a maior energia. Dêste modo a luta contra a «Processionária» toma um aspecto excepcional de urgência e valor, como meio indirecto de evitar maior desenvolvimento do «Bóstricos». Fica assim justificado que se atribua particular interesse ao ataque deste inimigo dos pinhais e se recomende, na defesa de uma das maiores riquezas nacionais, já tão gravemente abalada pelo ciclone e pelo recente ataque do «Bóstricos», a necessidade de todos os proprietários dos pinhais atacados cumprirem as instruções seguintes:

—Proceder ao corte dos ramos laterais que têm ninhos, enquanto estes estão povoados pelas lagartas. Este trabalho só deve ser iniciado passadas as primeiras horas da manhã, deslocando-se os trabalhadores de encontro ao vento, trabalhando de lado para este e procurando proteger a cara e as mãos.

—Queimar em seguida os ninhos que tenham sido reunidos em sacos; nesta altura devem os operadores, que estejam próximo das fogueiras, manter-se do lado onde sopra o vento.

—Nos ninhos das flechas, devem ser injectadas umas gotas de petroleo, quando seja possível obter este produto, utilizando uma almotolia de que a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas poderá fornecer modelo.

—Como as crisálidas se formam no solo, após o enterramento das lagartas, a profundidades em geral não superiores a 10 cm., o que se regista normalmente em Maio e durante cerca de um mês e meio, é possível destrui-las fazendo uma mobilização superficial do solo na área do pinhal, e a sua queima.

O ALGARVE VISTO POR ALGUNS ALGARVIOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

que certamente será compreendido.

—Espero que sim. Conheço bem a imprensa algarvia, sei que á sua frente estão espiritos inteligentes e empreendedores e bastante considerados pelos algarvios. Se elles lançassem esta minha idea nas colunas dos seus jornais, estou convencido de que surgiria, com o apoio de estâncias officiais, o capital necessário para a publicação de obra de tão grande vulto.

—Desejavamos que nos frisasse mais alguns nomes de poetas do Algarve. Recordar-se, de momento, de alguns outros?

O Dr. Guerreiro Murta, concentra-se um instante, passa o olhar pelos papeis dispersos na secretária e logo responde:

—Sim, recordo-me agora de mais alguns que seria injusto não mencionar, pois são nomes de reputação já feita e bem merecida: Adelino Lôbo, Antonio Pereira, A. Vicente Campinas, João

Noticias Pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos:

Hoje—D. Maria Manuela Tavares Galhardo e Dr. Manuel Simões da Costa.
 Em 22—D. Maria Francisca Xavier da Graça Horta e srs. Capitão Leonel da Costa Lopes, Carlos Trindade e Emidio do Carmo Chagas.

Em 23—D. Maria Isabel Alves Leandro, D. Maria Germana Neves Melo Braz e D. Beatriz Viegas Conceição Monteiro.

Em 25—D. Francisca da Encarnação Parreira Gonçalo e D. Maria Fernanda da Encarnação Pires.

Em 27—D. Maria de Lourdes da Saude Pires, e srs. Henrique Judice Leote Cavaco e Antonio Soares da Fonseca.

Partidas e chegadas

No goso de alguns dias de licença, encontra-se entre nós, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Miguel Francisco Bagarrão, distinto serralheiro mecânico.

—Em companhia de sua esposa encontra-se nesta cidade, o nosso conterrâneo sr. Liberto dos Martires Laranjo Conceição, 2.º Sargento de Infantaria, que por motivo de promoção foi colocado no R. L. 15, em Lagos.

—Esteve nesta cidade, o nosso particular amigo e colaborador sr. Tenente Antero Odeirico Pacheco Nobre.

—No goso de alguns dias de licença encontra-se entre nós, o nosso prezado assinante sr. Alferes Eduardo Maria Pacheco Pinto, em serviço na Madeira.

O Eterno Feminino

Pouco antes de o seu pais se ter envolvido na guerra actual, uma elegante americana ofereceu a um perfumista da moda a tentadora indemnização de 18.000 dolares, só para ter o exclusivo de usar determinado perfume.

Caprichos de mulher. Mas de mulher ultra-milionaria, bem entendido.

—Após o aparecimento dos insectos perfeitos, em época variavel conforme o decorrer do ano e a latitude, geralmente á volta de Julho, as posturas estão patentes, em volta das agulhas, e são caracterizadas pelas escamas castanhas, brilhantes, que cobrem os ovos; a sua colheita e inutilização pode também ser aconselhada.

Estes modestos processos são ordinariamente eficazes e por estarem ao alcance de todos se insiste na necessidade de serem applicados pelos proprietários dos pinhais atacados pela «Processionária», para evitar as consequencias do seu ataque e contribuir para afastar a ameaça do «Bóstricos», praga muito mais de temer.

Braz, Rui Santos, J. Galhardo, J. Negrão, Brak Lamy, etc, etc.

—? E dos novos, dos que estão ensaiando seus passos em tão árdua senda, o que conhece?

—Sobre esses, é possível que omitindo alguns—estreadores com talento prometedora—cometa falta imperdoável. Mas confesso a minha ignorância: dêles só conheço uma ou outra composição isolada. Demais, o juizo critico só se deve lançar sobre o escritor de obra completa, ou, pelo menos, com produções que claramente deixem ver o rumo, a linha dos seus vãos artisticos. Critica que não assente neste principio não é parecer literário, mas fantasia romanesca.

Despedimo-nos neste momento do nosso tão amavel entrevistado e deixando-o de novo entregue aos seus livros, aos seus papeis e ao seu trabalho, retiramos a caminho de casa, enquanto ao atravessar a massa compacta dos trasentes da Baixa, numa hora de intenso labôr, pensavamos já no algarvio a quem proximamente iriamos bater á porta para pedir algumas palavras que fôsse ecoar, lá longe, no coração dos seus conterrâneos.

Pinto de Mesquita
Luís Bonifácio

Revolução Corporativa

Alastram-se a todos os pontos do pais os beneficios incontestaveis do sistema corporativo, judiciosamente posto em prática pelos homens da Revolução Nacional. Em qualquer campo de actividade, em qualquer zona de trabalho colectivo, desde o plano da economia, propriamente dito, até ás múltiplas realisações de assistencia social — a verdade é que se caminha a passos largos para a solução de um problema, cujo imperativo se resume no *bem-estar comum*. Claro que não chegámos ainda — e isso era humanamente impossivel — áquele desejado estado de coisas, ao alto grau de aperfeiçoamento, só previsto ou concebido pela ideia criadora. Mas a completa execução de um objectivo como este, de tão transcendente latitude, é implicitamente condicionada por dois elementos imprescindiveis: o tempo e a plena eficiencia de uma colaboração total. Lá chegaremos, se Deus quizer e houver, como até hoje, vontade de vencer.

Vêm estas palavras a proposito da notavel acção exercida pela chamada *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* — um dos mais caracteristicos organismos saídos do Estado Corporativo — durante o ano de 1942.

Em cada sector de assistencia que lhe diz respeito, observava-se invariavelmente, através das respectivas estatisticas, uma vontade firme de cumprir e progredir. Assim, por exemplo, a *F. N. A. T.* proporcionou agradaveis férias a 1.718 crianças, filhas de trabalhadores rurais, sócios das Casas do Povo, beneficiando, por outro lado, da colónia denominada «Um lugar ao Sol», que funciona na Mata da Caparica, nada menos de 1.220 pessoas (sócios e suas familias).

A distribuição de almoços fornecidos a empregados e operários de Lisboa e Porto, ao preço inais acessivel, acusa o importante global de duzentas e cinco mil refeições.

Quanto ao aspecto designadamente recreativo e cultural da sua incansavel actividade — nem só de pão vive o homem... — os espectaculos ou *serões* da *F. N. A. T.*, promovidos em colaboração com a Emissora, atingiram o número de 49, tendo sido assistidos por mais de cinquenta mil pessoas. Torneios de «ping-pong», atletismo, natação, etc., bem como a realização de um concurso literário e de outro concurso entre trabalhadores da industria de mobiliário, enriquecem pujantemente as iniciativas dessa tão prestan-te organização.

Se considerarmos, após o que fica dito, quanto interessa aos trabalhadores esta enorme solididade, dia a dia multiplicada, no unico desejo de lhes melhorar as condições de vida e proporcionar-lhes o prazer honesto do espirito — faremos simultaneamente o melhor elogio do admiravel organismo e dos seus ilustres dirigentes, imagem viva do ideal corporativo que é mister atingir, dentro da reforma social preconizada pela Revolução.

Retalhos e Arabescos

Porque não dormem as Japonesas

Parece que as mulheres do Japão não dormem o tempo necessário, pois no decorrer do dia revelam grande tendencia para o sono.

Um escritor seu compatriota acaba de dar a explicação desse fenomeno geral. Diz ele:

As mulheres casadas dormem mal porque têm de esperar pelos maridos até altas horas da noite e de manhã são obrigadas a levantar-se cedo para a lida do lar, que não admite demoras, sob pena de os respectivos consortes explodirem em recriminações...

E quanto ás solteiras também dormem mal porque passam grande parte das noites a meditar no medo de não encontrarem noivo ou então na possível infelicidade dos namorados.

Não se poderá dizer que a explicação não esteja bem concebida.

Tão bem concebida que se podem justificar as insonias de todas as mulheres, quer elas sejam japonesas ou portuguesas...

Indicação preciosa

Uma recente estatistica publicada ha pouco tempo na America do Norte ilucida que são as mulheres de cabelos castanhos as que mais pedem o divorcio contribuindo com a poderosa percentagem de 65 % no total das que pretendem libertar-se das cadeias matrimoniais.

As loiras, dotadas de temperamento mais affectuoso e paciente, divorciam-se em muito menor numero, enquanto que as ruivas só muito raramente reclamam a anulação dos seus casamentos.

O autor da estatistica aconselha por isso os homens a casarem, de preferencia, com mulheres ruivas, desde, claro que não achem encanto no divorcio...

E', porém conveniente não esquecer que as indicações da estatistica em foco, referem-se exclusivamente ás mulheres norte-americanas...

Calculos

Um suição, talvez farto de noticias de guerra e querendo distrair o espirito com qualquer tarefa original, deu-se á tarefa, na realidade curiosa, de calcular a distancia que percorre a caneta de que se servem certas pessoas para exercerem as respectivas profissões. E, entre outros resultados, conseguiu apurar que a caneta dum escritor e dum empregado de escritório anda numa hora 300 metros, o que representa a velocidade de cinco metros por minuto.

Como os leitores vêm, ha gente com paciencia para tudo...

O fumo e o Carácter

Um medico estrangeiro apresenta agora uma nova modalidade para se estudar o caracter das pessoas, baseado na forma por que cada uma delas goza as delicias do fumo.

Atentemos no seu julgamento: «O que fuma o cigarro de ponta a ponta, é um avarento e um egoista.

O que a cada passo sacode a cinza está mergulhado em profundas preocupações ou em profundas dores morais.

O que brinca com o cigarro até queimar os dedos, ou queimar os lábios, ou é um poeta ou um jornalista. De dez fumadores nestes casos, oito são poetas e dois jornalistas.

O que traz delicadamente o cigarro entre o indicador e o dedo médio é um embusteiro.

O que aspira muito fumo, é um homem sem energia.

O que usa de muitas preocupações é frivolo e tolo.

Não sabemos se estas regras são de aplicar ás senhoras. Mas é de crer que sim...

Z.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Raios X - Electroterapia

Rua Santo António, 32-1.º

TEL. 57

F A R O

Vende-se

Um «tilbury», um «break», um arreo de parelha, um arreo para um animal, tudo em bom estado.

Dois cavalos, com idade conhecida, puchando bem, uma egua criadeira.

Dirigir-se a Antonio M. Trindade—Tavira.

Cabo de Aço

Usado, próprio para noras ou cimento armado, vendem-se 900 metros.

Tambem se vendem 80 cascos, com 2 furos, próprios para vedações.

Recebe propostas: Marcelino Augusto Galhardo—Tavira.

**Companhia de Pescarias
Balsense no Algarve**

Arrendam-se as vendas dos arraiaes das armações «Abobora» e «Livramento».

As respectivas condições encontram-se patentes no seu escritório.

Vai a Loulé?**Visite a Pastelaria Portugal**

Frente ao Cinema

Variado sortido em Pastelaria fina

Fornece lanches para Casamentos, etc.

O seu proprietário
agradece uma visita

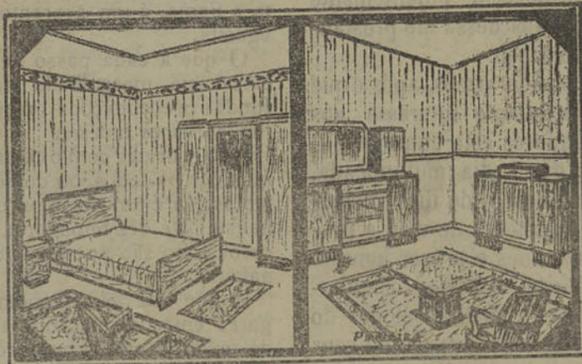
José Maria do Nascimento

Oficina de Carpintaria e Marcenaria

TAVIRA

Mobílias completas em todos os estilos e para todos os gostos

Grandioso sortido de Cabides, Passadeiras,
Carpets, Oleados, Camas em Ferro,
Lavatórios, etc., etc.

**Venda de móveis avulso**

Oficinas:—Avenida 1.º de Maio, 15

Depósito de Móveis:—Avenida 1.º de Maio, 1 a 5

Aparelhos de T. S. F.

LINDOS MODELOS

OTIMA SONORIDADE

1943

Para corrente alterna contínua e baterias

As ultimas novidades de rádio

VENDAS A PRESTAÇÕES

CONSULTE:

Francisco Padinha Raimundo

Rua do Poço do Bispo, 10 — TAVIRA

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Largo do Pé da Cruz, 4

FARO

Consultas em Tavira às quin-
tas feiras, no escritório
do solicitador Carmo Peres

Espingardaria "ALGARVE"

TAVIRA

A maior casa importadora de Armas de Caça

Especialidade em Es-
pingardas de Luxo

Sensível diferença de pre-
ços em qualquer modelo

José Viegas Mansinho**VALENTIM**

ALFAIATE-MERCADOR

Sempre as ultimas novidades
em Lanificios

Largo da Praça-TAVIRA

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábrica de farinhas espoadas

A maior e mais completa do Algarve. Fabrico es-
merado como o atestam as suas esplendidas fa-
rinhas e as suas sementes sem rival.

Fábrica de farinhas em rama

Uma das maiores do Pais e com moderna apare-
lhagem, produzindo as suas tão acreditadas fa-
rinhas em rama.

PADARIA

A maior da Provincia com amassadeiras mecánicas, Escrupulosa fabricação.

Os produtos das fábricas

J. A. Pacheco

teem a garantia duma fabricação cuidadosa em ma-
quinaria moderna e aperfeiçoada.

Dr. Manuel Guerreiro Pereira

MEDICO - ESPECIALISTA

Orgãos urinários e sexuais

HEMORROIDAS

DIATERMIA

Consultório

Rua de Santo António, 32-1.º

Telefone 57

Residência

Largo de S. Sebastião, 15

FARO

Dr. Jorge Correia

CLINICA GERAL

Rua da Porta Nova

TAVIRA

Consultas todos os dias
das 15 ás 17 horas

Cunha & Dias, L.ª

8-RUA DA LIBERDADE-10

TAVIRA

Agencia da Tabaqueira

e da Fosforeira Portuguesa

Venda de tabaco e fósforos

aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

Vende-se

Um piano marca Ronisch to-
do armado em ferro.

Nesta Redacção se informa.

Grafonola

Tipo antigo em bom estado,
vende-se.

Nesta Redacção se informa.

Charret

Compra-se, em bom uso.

Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

Um aparelho de T. S. F. mar-
ca Philips, para corrente alter-
na, em estado novo.

Nesta Redacção se informa.

Atenção!!!...

Trabalhos Tipográficos

e Carimbos de Borra-

cha com perfeição e

rapidez, só na

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Quereis fazer bons negócios?

Anúnciá no semanário regionalista

"Povo Algarvio"

O «Povo Algarvio» ven-
de-se, em Tavira, na
Tabacaria Santos.